

## EDUCAÇÃO DO CORPO, TRABALHO E REFORMAS EDUCACIONAIS NO BRASIL<sup>1</sup>

Renato Ribeiro Rodrigues

Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-GO)

### RESUMO

*Este trabalho apresenta uma breve discussão sobre a educação do corpo sob a perspectiva materialista histórico-dialética do trabalho. Ao observar o contexto das reformas educacionais na atualidade da educação brasileira, concorda-se com a existência de uma educação do corpo específica em curso na sociedade do capital. Como consequência, isso acaba por determinar desdobramentos ao corpo, materializados nas práticas educativas e nos processos de escolarização da educação formal que está submetido.*

*PALAVRAS-CHAVE: Educação do Corpo; Reformas Educacionais; Educação Brasileira.*

### INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea neoliberal caracteriza-se pela reestruturação econômico-produtiva de altos impactos socioambientais, de rápidas transformações no mundo do trabalho e de notáveis avanços nos campos científico, tecnológico e digital – sobretudo nos meios de informação e/ou comunicação. Possibilitar uma formação escolar que dialogue dialeticamente com a totalidade desses fenômenos e, sobretudo, com a própria realidade social dos sujeitos que se expressam em sua corporalidade têm se constituído um desafio de agenda política e educacional (OLIVEIRA, 2006).

No Brasil, pouco mais de três décadas após a promulgação da Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), três documentos aparecem como marcos legais que materializam o movimento de grandes reformas de orientação educacional (BRASIL, 1996, 2013 e 2018). Compõem essa tríade: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCNGEB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Eles convergem para uma concepção idealista de corpo (e sociedade) a ser (con)formado via educação formal, na defesa do papel do conhecimento e de saberes necessários para os/as estudantes. E no atual momento sócio-histórico-social nacional,

---

<sup>1</sup> Este trabalho não contou com nenhum apoio financeiro para a sua realização.

atravessado político-economicamente pelo discurso das reformas educacionais, (re)considerar sentidos e/ou significados entre a necessidade e a legitimidade de um ensino que se articule a totalidade (e de particularidades regionais), se faz necessário na discussão sobre a educação do corpo – sob a perspectiva materialista histórico-dialética do trabalho.

## TRABALHO E EDUCAÇÃO DO CORPO

Em Marx (2011), entende-se que o trabalho é uma condição ontológica constitutiva da vida humana. Ao considerarmos o corpo como construção histórica, socialmente ideologizado e determinado a partir das relações de trabalho, compreendemos que o direcionamento de suas práticas se faz segundo uma especificidade momentânea que considera a dinâmica de espaço-tempo na qual se apresenta. A partir do trabalho, o corpo materializa uma “exteriorização de si”, nas mais diversas dimensões compreendendo sua concretude diante da necessidade de se transformar a própria realidade. Exteriorização esta que parte daquilo que fora internalizado ou parte daquilo que coletivamente veio se produzindo e sistematizando enquanto práticas culturais.

Na relação metabólica entre homem e natureza, compreende-se que o trabalho é produzido primeiramente a partir do desenvolvimento das condições históricas de produção materialmente ampliadas pela humanidade modificando a própria vida e na consciência, inclusive, por transformá-la. O ato de refletir, reconhecer-se nos objetos, alterá-los segundo uma necessidade particular, avaliar seus resultados diante de um coletivo universal e reelaborar novamente outros objetivos se caracterizariam como elementos pertinentes apenas da singularidade humana. Isso se resolve no/pelo/a partir do corpo, reconfigurando-se novas relações, modos de produção e na reprodução de capacidades, hábitos e costumes humanos.

Apropriar-se da natureza, (re)produzi-la de maneira consciente em sua mente e subordiná-la à sua vontade foi fundamental para a constituição do ser social e para dar um sentido teleológico ao trabalho. A consciência passa a ser determinada materialmente, historicamente e socialmente pela vida, definindo as maneiras sob as quais a primeira se exterioriza através do corpo que, por sua vez numa relação dialética, é determinada pelas mesmas condições materiais dadas pela segunda (LUCKÁCS, 2003).

Assim, o corpo como elemento biológico e objetivo humano constituir-se-ia em sua natureza orgânica (ou base física) por relações diretas com aquilo que seria considerado

inorgânico – ou sua expressão espiritual. Enquanto parte orgânica, o ser humano é natural e se apresentaria numa condição biológica de individualidade. Como sujeito, seria inorgânico uma vez que se diferenciaria dos outros animais como instrumento de trabalho pertencente à sua natureza, porém mediado por relações que o constituem socialmente e lhe dão certo pertencimento participativo e identitário, a partir de uma subjetividade que lhe é atribuída ao considerar a esfera coletiva.

A corporalidade humana se apresentaria, portanto, nas relações do ser humano com a natureza, com os outros seres humanos e consigo mesmo, pela sua existência enquanto ser mediado pelo trabalho e nas relações humanas possíveis de serem estabelecidas. Assim, podemos dizer que o trabalho acaba se tornando responsável pela educação e a formação dos sujeitos de maneira ampliada ao se manifestar nas mais diversas formas de organização da sociedade. O trabalho forma a consciência e sua materialidade residente, que se objetiva na relação deste com o meio, que por sua natureza consolida-o subjetivamente como sujeito, de maneira individual e coletiva.

#### A EDUCAÇÃO DO CORPO NO CURSO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS

Em Baptista (2013), há uma discussão sobre a necessidade de se desenvolver tanto a consciência do corpo quanto o corpo da consciência, uma vez que, na sociedade do capital encontra-se massificada, sobretudo pela indústria da cultura, a condição de pertencimento e de conformação do corpo subordinado ao processo produtivo do modo de produção capitalista. Marcado pela alienação, reificação e fetiche esse modelamento de corpos se desdobra ainda no modo de reprodução da vida e da existência de homens e mulheres como indivíduos e não mais na condição de ser e/ou sujeito social. Esses mecanismos adentram os tempos de não-trabalho e os subordina ao trabalho produtivo tecnicamente racionalizado. Assim, há intencionalmente uma educação do corpo em curso na sociedade do capital.

A racionalização do trabalho implica então ao corpo do trabalhador um regime de parcialidade e fragmentação tão acirrado quanto mais se estiver avançado o estágio da produção capitalista. A reificação, ou conversão do trabalhador em coisa, passa a se constituir de dentro para fora, se estendendo quantitativamente e interferindo qualitativamente de maneira exploratória para os domínios da própria vida tornando o trabalhador isolado, cada vez mais desumanizado e individualizado em si. Individualizados e parcializados nessas

condições, se manteriam submetidos a um mesmo padrão de consciência na condição de trabalhadores considerando o processo de divisão social.

Neste contexto, o corpo se torna por consequência uma mercadoria a ser alienada, fetichizada e reificada para ser submetido. Um corpo da consciência que ao se tornar objetificado e condicionado a tais determinações em suas capacidades e conformações vai perdendo a consciência do corpo, que agora na condição de mercadoria, passa a adotar também referenciais de uma padronização constitutiva (magreza, força, potência, agilidade, flexibilidade, resistência, resiliência, dentre outros) para que tenha certo valor e dele possa ser extraído valor de uso acrescido de abstração e se torne por consequência um valor de troca incorporado enquanto fetiche.

Na modernidade, o corpo adentra aquilo que está em curso e em desenvolvimento: o lugar da racionalidade instrumental acrescido de seu caráter tecnológico. Isso implicaria ao corpo uma sequência necessária de forma (mesmo que passe a inexistir ou se virtualizar) e da atribuição de capacidades que se direcionam para o mundo do trabalho, na obtenção de lucro que interdepende de processos educativo-formativos reificados que pelo trabalho passa a ser desumanizado. Para isso é necessário reproduzir e transmitir valores que consolidem essas ideias na esfera das condições da vida social. O modo de produção determinaria então o modelo cultural, material e imaterial, a ser estabelecido constituído pelo trabalho geral.

Em Adorno e Horkheimer (1985), observamos que os mecanismos de uma verdadeira indústria da cultura operam ideologicamente na racionalização e controle de funcionamento da coletividade, para a adesão da lógica do modelo de sociedade do capital sobre o indivíduo, valendo-se de certa estética aparentemente convidativa por sua fácil assimilação e incorporação social, adentrando tanto nos tempos de trabalho quanto os tempos de não-trabalho.

[...] ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noite, até a chegada ao relógio de ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia, essa subsunção realiza ironicamente o conceito da cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 123).

Assim, escolhas condicionadas são aparentemente traduzidas como sensação de liberdade, num processo falso e real de diferenciação que na verdade aproxima e uniformiza ainda mais as pessoas segundo a lógica do mercado e do consumo na esfera social da

produção. Na crescente propositiva das três grandes reformas educacionais, sobretudo na proposta da BNCC, o desenvolvimento da tecnologia, da instrumentalização, a racionalidade técnica, a massificação cultural e a invasão do tempo de não-trabalho pelos meios de comunicação em massa, por exemplo, tendem a se manifestarem como mecanismos para que o modo de produção se reproduza na vida em sociedade e subordine-a aos ideais do processo produtivo.

O processo educativo-formativo do corpo pela indústria da cultura disseminado pelo modo de produção capitalista tem sua relevância ao adentrar em espaços educativos formais propagando um ideal de corpo a ser alcançado também no tempo de não-trabalho para ser utilitário ao próprio trabalho – numa extensão da primeira à segunda. Assim, convém resgatar a educação como um processo fundamental para a constituição humana do ser social, que se estabelece na organização da sociedade ao serem produzidos bens materiais e imateriais segundo necessidades de homens e mulheres no curso da história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo trabalho, concebido de maneira emancipada, contribui para a constituição da consciência-de-si, em si e para si. Nele, o corpo pode ser educado para uma consciência do corpo e para um corpo da consciência. E na sociedade do capital, ao corpo é exigido o domínio de competências e de habilidades em suas capacidades físico-mentais, intelecto-manuais e teórico-práticos no atendimento às demandas do consumo e de mercado.

Para isso a indústria da cultura se apresenta como mecanismo de controle social sobre o corpo, apoiada numa racionalidade técnica e instrumental que a consolida com um espaço educativo-formativo que forma o corpo à condição de máquina produtiva e ainda de mercadoria que possa vir a ser consumida em larga escala como padrão ou modelo uniforme com status de pertencimento social.

Com a divisão técnica e social do trabalho constituir-se-ia, portanto, algo fundamental para a existência de um sistema educacional que se materializasse por dualidades e/ou dicotomias entre o pensar e o fazer, a teoria e a prática, o geral e o profissional numa escola que vêm propiciando uma formação humana de sentido e/ou significados histórico-sociais ainda unilaterais e fragmentados.



CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

## **BODY EDUCATION, WORK AND EDUCATIONAL REFORMS IN BRAZIL**

### **ABSTRACT**

*This work presents a brief discussion about the education of the body under the historical-dialectical materialist perspective of work. When observing the context of educational reforms in Brazilian education today, one agrees with the existence of a specific education of the body underway in the society of capital. As a result, this ends up determining consequences to the body, materialized in educational practices and in the formal education schooling processes that it is subjected to.*

**KEYWORDS:** *Body Education; Educational Reforms; Brazilian Education.*

## **EDUCACIÓN CORPORAL, TRABAJO Y REFORMAS EDUCATIVAS EN BRASIL**

### **RESUMEN**

*Este trabajo presenta una breve discusión sobre la educación del cuerpo bajo la perspectiva materialista histórico-dialéctica del trabajo. Al observar el contexto de las reformas educativas en la educación brasileña hoy, se concuerda con la existencia de una educación específica del cuerpo en marcha en la sociedad del capital. Como resultado, esto termina determinando consecuencias para el cuerpo, materializadas en las prácticas educativas y en los procesos de escolarización de la educación formal a los que es sometido.*

**PALABRAS CLAVES:** *Educación Corporal; Reformas Educativas; Educación Brasileña.*

### **REFERÊNCIAS**

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAPTISTA, T. J. R. *A educação do corpo na sociedade do capital*. Curitiba: Appris, 2013. (Coleção Ciências Sociais).

BRASIL. Constituição Federativa da República do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.





CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2013.

\_\_\_\_\_. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. 29. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, Livro 1, V. 1.

